

## 14) "Levanta-te, toma o teu leito e anda"

A nossa miséria é real e precisamos de ajuda, amor, atenção, mas antes de tudo e sobretudo, precisamos de Deus e corremos o risco de esquecê-Lo. Corremos o risco de perder de vista o fato que, se Deus tomou a iniciativa de criar-nos, amar-nos, resgatar-nos, realizará, sem dúvidas, a nossa cura, a nossa salvação.

São Bento nos promete no final da Regra: "então, por fim, chegarás, com a proteção de Deus, aos maiores cumes da doutrina e das virtudes de que falamos acima" (RB 73,9). O caminho da nossa vida alcançará a sua plenitude, com a única condição de caminhar "com a proteção de Deus." É a ajuda de Deus que realiza a nossa cura e nossa vida. E se os outros nos são necessários, se nos vem dados como companheiros de viagem, não é para nos garantir a salvação, mas para procurá-la juntos, para pedi-la juntos e acolhê-la juntos.

Quando se reconhece que a salvação vem somente de Deus, a salvação pessoal não está em competição com aquela dos outros. Deus quis a todos e criados, todos nos chamou, olha a todos e cada um, com a compaixão de Cristo. Também a cura é, portanto, para todos e para cada um. Não devo ter medo que a cura do outro impeça a minha. E ajudando os outros, não atraso a minha cura, pelo contrário!

"Queres ser curado?". "Quem é o homem que quer a vida?."

Não sabemos nunca responder de forma totalmente pura e livre a estas perguntas, mas a história do enfermo de Betesda nos faz entender que a compaixão de Jesus, felizmente para nós, olha mais a nossa necessidade que o nosso desejo. Basta-lhe a necessidade objetivamente expressa pela longa doença sofrida por este homem, para conceder-lhe o milagre, que não há mais a força e a vontade de pedir. "Jesus disse-lhe: 'Levanta-te, toma o teu leito e anda'. E naquele instante, o homem curou-se e, tomando o seu leito, começou a andar" (Jo 5,8-9).

Jesus sabe que sem a Sua graça, sem a Sua iniciativa gratuita, o nosso caminho de cura nunca vai chegar a sua realização. Basta-lhe que o sintamos e exprimamos, de qualquer modo, a nossa necessidade de cura, para concedê-la.

Porém, diz para levar conosco o nosso leito. É como quando diz: "se alguém quiser me seguir (...), tome a sua cruz e me siga" (Mc 8,34). Por quê? Talvez, para exortar-nos a nunca esquecer que a nossa necessidade de cura e salvação permanecem, mesmo quando somos curados. Não devemos esquecer a realidade de nossa fragilidade, da nossa incapacidade de caminhar com nossas próprias forças.

É sempre a consciência da misericórdia de Deus, unida àquela de nossa miséria, o que nos permite trilhar no caminho da Salvação com verdade. É neste sentido que Jesus, encontrando novamente o paraplégico curado, lhe disse: "eis que ficaste são; já não peques, para não te acontecer coisa pior" (Jo 5,14). A pior coisa que lhe pode acontecer é de esquecer que aquilo que lhe permite caminhar não é a sua força, mas a graça do Senhor, que o olhou com amor e respondeu ao desejo profundo de seu coração.

Outra passagem do Evangelho nos coloca diante de uma pergunta decisiva que Cristo dirige a todos os seus discípulos. Trata-se do discurso sobre o pão da

vida no capítulo 6 do Evangelho de São João. Anunciando aos judeus que é Ele o verdadeiro pão que desceu do céu, que para ter a vida eterna é preciso comer seu corpo e beber seu sangue, Jesus colide com a incredulidade de seus ouvintes, que lhe voltam as costas e deixam de segui-lo. É neste momento que Jesus coloca a pergunta crucial a seus discípulos: "também vós quereis ir embora?" (Jo 6,67).

Porque é uma pergunta crucial? Porque diz respeito a decisão contrária àquela da *sequela Christi*. A decisão de ir para longe Dele é o oposto daquela de colocar-se em seu caminho, de ir a Ele para permanecer com Ele. Os discípulos de Jesus são provocados, aqui, por Ele, a dizer, mais uma vez, "sim" ao seu chamado, reanimar a decisão que, um dia, os tinha colocado a segui-lo. Jesus renova o seu chamado, como quando dizia: "Segui-me!" à Simão e André, Tiago e João, Mateus, etc...

Desta vez, o chamado é carregado pelo caminho que fizeram juntos, pelas palavras que ouviram, gestos e milagres que viram, e também pela consciência de que o fato de seguir a Jesus significa também sofrer com Ele a hostilidade de seus inimigos.

Jesus pede aos doze uma verdadeira decisão. Quando lhes tinha dito no início: "Segui-me!", estes não podiam, realmente, refletir. Ficaram fascinados por Ele; sentiam-se atraídos pela sua presença, amor, olhar. Tinham visto um milagre, ouvido um discurso. Certamente, eram todas boas razões para seguir-Lhe, para dedicar-Lhe toda a vida.

Mas agora, Jesus parece pedir-lhes um ato de verdadeira liberdade, uma verdadeira decisão. E para que a liberdade destes seja ainda mais livre, propõe-lhes o oposto daquilo que quer deles. Ele não lhes diz: "permanecereis comigo?", mas: "também vós quereis ir embora?". Não está brincando, não finge. Ele sabe que podem ir embora; sabe também que um dia, em um determinado momento, irão embora e O deixarão sozinho; mas, então, será o medo que os definirá, e o medo não é tão grave, é no fundo, até inocente, porque não é um ato de liberdade. Agora, contudo, é o momento realmente decisivo, a verdadeira prova da liberdade dos discípulos, porque vêem a gravidade da situação, sem que um verdadeiro perigo os ameace. Portanto, eles podem querer ou não querer ficar com Ele. Podem realmente decidir diante Dele, com relação à Ele, com relação àquilo que Ele é, e àquilo que Ele diz. Tem somente Jesus diante deles, especialmente agora que todos os outros O abandonaram.

Creio que cada um de nós, mais cedo ou mais tarde, uma ou mais vezes em sua vida no mosteiro, se encontre nesta situação. É necessário, pois caso contrário se permanece neste caminho apenas por um tipo de força de inércia, ou porque se tem medo de deixar uma segurança que encontramos ou que criamos; mas Deus, mais cedo ou mais tarde, leva-nos todos aos pontos cruciais onde a nossa liberdade deve escolher de permanecer no mosteiro por Jesus, somente por Jesus, e por um Jesus, que parece despido de qualquer possibilidade de nos garantir algo diferente de Sí mesmo.